

MESA DE ENCERRAMENTO

“Um mundo sem fronteiras: o sonho acabou?”¹⁶⁹

Silvana Rea¹⁷⁰

Designada em 1516 por Tomas Morus, a ideia de utopia liga-se à aspirações por um ideal ou uma esperança de mudança gerada pelo senso de coletividade. A questão “como tornar o mundo melhor?” é o seu norte, que tem como horizonte uma posição ética.

No entanto, em 1868 John Stuart Mill introduziu o termo distopia para indicar a sua forma negativa. Compreensível, pois a utopia moderna teve como marca a acelerada mudança tecnológica e as descobertas científicas, mas testemunhou duas guerras mundiais e regimes totalitários violentos. Esta desilusão em relação ao futuro está na literatura de Aldous Huxley e seu *Admirável mundo novo* (1932) e em 1984, de George Orwell (1949). Ou no *História de aia* (1985), de Margaret Atwood.

Quando nossas vidas se deterioram ou são ameaçadas, muitas vezes acreditamos que é preciso uma medida à força para se alcançar um ideal. Por isso Clayes (2011) nos alerta que a distância entre utopia e distopia pode ser alarmantemente pequena.

As utopias falham ao se deparar com as pulsões humanas, na linha abordada por Freud (1930) em seu “Mal estar na civilização”? As questões narcísicas que impedem a conexão entre pensamento/ato/sentido criam o cenário para a aniquilação do outro (Bollas, 2011)? As mudanças sociais inclusivas teriam gerado uma espécie de ressentimento em partes da população mundial?

Fato é que muitos consideram que ao perder os grandes projetos de novas sociedades, decretamos o fim do utópico. É a posição de Bauman (2017), para quem a força do social não se volta mais para o alcance de um objetivo comum, derrocando a noção de progresso como um bem que deve ser partilhado e sonho humano de viver em comunidades sem fronteiras, de iguais. Em seu lugar, há a busca pelo prazer e a pela melhoria da posição individual.

¹⁶⁹ Texto apresentado como estímulo para os palestrantes da mesa de encerramento do II Simpósio Bial SBPSP “Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento”, no dia 29 de agosto de 2020.

¹⁷⁰ Membro Efetivo e Diretora Científica da SBPSP, Doutora em Psicologia da Arte pelo IP-USP.

Em um mundo fragmentado e líquido, Bauman reconhece a “nostalgia de comunidade”. No lugar da utopia, que se liga ao futuro ainda por nascer, a retrotopia alimenta-se da visão de um passado perdido, roubado, abandonado, mas que não morreu. Tempos lembrados melancolicamente e valorizados por sua suposta estabilidade e confiabilidade, e que surgem como um modelo ideal de harmonia familiar e de identidade étnica ou religiosa. Aqui o perigo, pois nessa versão restauradora, o mundo se organiza nas revivificações nacionais e nacionalistas.

Há um luto não elaborado? A queda do muro de Berlim em 1989, marco do fim da guerra fria, teria sido a nossa última utopia de um mundo sem fronteiras? A se pensar, pois a experiência de vanguarda da União Europeia, ao elevar a integração nacional a um plano supranacional, acabou por alimentar a ascensão de partidos políticos nacionalistas e anti-imigratórios alimentados por propaganda cibernética. E neste panorama, qual o papel da imprensa?

A utopia do crescimento econômico levou o planeta à catástrofe ambiental e acentuou a desigualdade, sem perspectivas para uma mudança de paradigma na economia mundial. A utopia pós humanista (Wolff, 2018) e seu desenvolvimento tecnológico de ponta que inclui uma medicina desenvolvida e não terapêutica, não conseguiu evitar e conter a pandemia do COVID-19, que deixou o mundo do terceiro milênio boquiaberto. A utopia, hoje, é ouro de tolo ou ainda possível criar territórios ou períodos utópicos de assistência mútua e global?

Referências

- Bauman, Z. (2017). *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bollas, C. (2011). “The structure of evil”. In: *The Christopher Bollas reader*. London: Routledge.
- Clayes, G. (2011). *Utopia: história de uma ideia*. São Paulo: SESC.
- Freud, S. (1914/2010). “Introdução ao narcisismo”. In *Sigmund Freud obras completas* vol. 12. São Paulo: Companhia das letras.
- _____. (1930/2010). “Mal-estar na civilização”. In *Sigmund Freud obras completas* vol. 18. São Paulo: Companhia das letras.
- Wolff, F. (2019). *Três utopias contemporâneas*. São Paulo: UNESP.